

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

What contributed to my admission into the job market?
Reports of a person with intellectual disability and her family.

Ana Paula Ribeiro Alves¹

Nilson Rogério da Silva²

Resumo: O objetivo nesse artigo foi analisar quais fatores contribuíram para a inserção da pessoa com deficiência intelectual no mercado de trabalho, a partir de sua própria percepção e de sua família. Para isto, adotamos o método História de Vida, no qual realizamos entrevistas abertas com a participante com deficiência intelectual, observações em seu ambiente de trabalho e entrevista semiestruturada com uma pessoa da família. Posteriormente os dados foram analisados segundo a técnica de Análise Temática e discutidos sob a perspectiva histórico-cultural. Os resultados revelaram que a escola cumpriu um importante papel ao ser competente no ensino de conceitos científicos essenciais para a inserção laboral da participante. Da mesma forma, os cursos de profissionalização realizados em escolas regulares fizeram adaptações para que se apropriasse de todo o processo de sua formação. A família esteve presente estabelecendo parceria com as instituições e fornecendo apoio, assim como o suporte oferecido pelo empresário e colegas de trabalho contribuíram para sua autonomia e crescimento profissional. Mediante ações conjuntas a história da participante, aqui chamada de Laura, se tornou uma trajetória positiva, destoando do que geralmente é visto na sociedade.

Palavras-Chave: Escola; Trabalho; Deficiência Intelectual; Educação Especial.

Abstract: The objective of the present study was to analyze which factors contributed to the insertion in the formal labor market based on the reports of the person with intellectual disability and family. For this, we adopted the Life Story method in which we conducted open interviews with the participant with intellectual disabilities, observations in their work environment and semi-structured interviews with a family member. Subsequently, the data were analyzed according to the Thematic Analysis. The results revealed that the school played an important role in being competent in teaching essential scientific concepts for the participant's job insertion. Likewise, the professionalization courses held in regular schools have made adaptations so that the participant has taken ownership of the entire process of their training. The family was present establishing a partnership with the institutions and providing support to the participant, just as the support offered by the entrepreneur and co-workers contributed to their autonomy and professional growth. Through joint actions, the story of the participant, here named Laura, has become a path little seen in society.

Keywords: School; Job; Intellectual disability; Special Education.

1 Doutoranda em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Marília/São Paulo/Brasil. Endereço eletrônico: dani_anapaula@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0762-7511>

2 Professor Doutor Livre Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Marília/São Paulo/Brasil. Endereço eletrônico: nilson@marilia.unesp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8866-0964>

Introdução

O período escolar, especialmente aquele vivenciado por jovens e adolescentes, ascende à preocupação dos mesmos a transição para a vida adulta, sendo marcada pelo ingresso no mercado de trabalho e pela escolha de uma profissão. Seja para a entrada em um curso de nível superior, em curso técnico profissionalizante ou mesmo no competitivo mercado de trabalho, os planos, anseios e expectativas estão voltados à busca de aptidões e identidade profissional. Para a pessoa com deficiência intelectual não é diferente essa transição, ou seja, estudar para ingressar no trabalho, entretanto pode ter um significado ainda maior na vida desse sujeito, como por exemplo, de se constituir como cidadão capaz e atuante na sociedade em que vive, mesmo diante de olhares duvidosos acerca de suas capacidades.

A escola regular tem o propósito de, por meio de um ensino intencional e sistemático, formar esse sujeito para a vida adulta, para o trabalho e para atuar de forma crítica e transformadora na sociedade em que vive. No entanto, quando relacionado à pessoa com deficiência intelectual, seus objetivos de formação tornam-se imprecisos ou até mesmo negligenciados, o que pode ser atribuído pelos profissionais, ainda que de forma inadequada, às próprias características do aluno em questão. Nessa perspectiva, o estudo de Palma e Carneiro (2018) discutiu o olhar social para a deficiência intelectual em escolas do campo. As autoras concluíram, a partir de documentos e percepções dos professores, que o ambiente escolar, em algumas ocasiões, produz socialmente a deficiência intelectual, uma vez que desconsidera a diversidade e as diferentes formas de aprendizagem, criando obstáculos para a participação plena daqueles com deficiência.

A dificuldade da escola em se adaptar às especificidades da pessoa com deficiência intelectual aumenta quando o aluno ingressa no ensino fundamental II e ensino médio, em que a fragmentação por disciplinas segue a lógica de um padrão homogeneizante de ensino e aprendizagem, colocando-o em grande desvantagem quando comparado aos alunos sem deficiência (CAVALCANTI, 2007). É comum que esse público busque, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma oportunidade de inserção profissional e social, no entanto, encontram um cenário de despreparo e falta de acessibilidade tanto física como curricular, como evidenciaram os resultados do estudo de Leite e Campos (2018).

Com pouca escolaridade e o desejo por trabalhar, a alternativa que pode possibilitar o ingresso no mercado competitivo seriam os cursos de profissionalização. As matrículas ocorrem predominantemente em instituições especiais, nas quais são privilegiadas atividades manuais, artesanais e comportamentais, que desenvolvem habilidades que pouco contribuem para que ocorra, de fato, a qualificação e inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, a instituição especial tem se constituído em um espaço de acolhimento e respeito, mas não necessariamente, de formação e inserção profissional (TRENTIN & RAITZ, 2018).

Outra alternativa para a inserção profissional desse público foi analisada por Aoki, Silva, Souto e Oliver (2018), que estudaram sobre estratégias comunitárias que intencionavam incluir a pessoa com deficiência no mercado de trabalho. Com um grupo de vinte e duas pessoas com deficiências diversificadas, predominando a deficiência intelectual, os participantes possuíam pouca escolaridade e experiência profissional, o que demandou intenso movimento no projeto para compreender as necessidades desse público por meio de encontros coletivos e individuais. Nesses encontros, os participantes eram informados de seus direitos por meio de oficinas temáticas que abordavam ainda questões como dúvidas sobre leis, documentos, como fazer currículos ou mesmo contatos com empresas, relações cotidianas no ambiente de trabalho, conhecimento de informática, execução de tarefas, dentre outros temas levantados, segundo as demandas dos envolvidos. A parceria com o Programa de Apoio à Pessoa com Deficiência do Estado

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

de São Paulo (PADEF) viabilizou o contato com alguns empresários que ofertavam vagas, resultando em contratações. A equipe do projeto acompanhou, quando possível, alguns sujeitos no ambiente de trabalho, assim como em cursos de profissionalização, para orientar e compreender os possíveis entraves e possibilidades.

Dos vinte e dois participantes do projeto, dezesseis conseguiram uma colocação no mercado de trabalho, sendo, a maioria, pessoas com deficiência intelectual leve. O estudo demonstrou a relevância de uma abordagem condizente com a realidade e necessidades não apenas dos contratantes, mas também dos participantes, além de um conjunto de ações em diferentes níveis, como o âmbito individual, coletivo, familiar e comunitário, que promoveram para além da inserção profissional, também o reconhecimento do papel de cidadãos atuantes na sociedade (AOKI, et al., 2018).

Nessa perspectiva de identificar ações que possam contribuir para a inserção profissional da pessoa com deficiência, Oliveira (2018) analisou o processo de implantação de ações de formação profissional da pessoa com deficiência e como esta influenciou na cultura escolar de uma escola técnica, que passou por uma mudança curricular, ofertando também cursos de graduação e pós-graduação. A partir de análises documentais e entrevistas com diretores, professores e alunos com deficiência física, visual, auditiva e intelectual matriculados, o autor constatou que a formação profissional da pessoa com deficiência era tratada nos documentos da escola técnica de forma imprecisa e confusa, sem uma base conceitual consistente, sem direção metodológica adequada e sem qualquer apoio financeiro.

Pautados sob uma visão segregacionista, não foi incomum o relato de gestores e professores de que aquele não era um local para aprendizagem da pessoa com deficiência. Segundo o autor, o programa implementado e denominado Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (*TEC NEP*) se mostrou omissivo e insuficiente para ações eficazes na inclusão desses sujeitos. A fragilidade financeira e as omissões institucionais do programa *TEC NEP* resultou em sérios obstáculos para aquisição de materiais essenciais para a acessibilidade dos alunos, que dependeram de práticas voluntárias de alguns professores e da comunidade. No entanto, as práticas isoladas de alguns professores que se apropriaram da causa de promover o conhecimento deste público, assim como ações dos próprios alunos com deficiência que de fato oportunizaram, mesmo que com dificuldades, mudanças para que eles fossem incluídos. O autor destaca que a escola se manteve inalterada em seus aspectos estruturais e pedagógicos, sendo os tímidos ajustes realizados em sala de aula por iniciativa do próprio professor, sem qualquer respaldo para tal, que permitiram a continuidade dos alunos no curso.

Nesse contexto de descompasso entre a formação da pessoa com deficiência intelectual e o mercado competitivo de trabalho, passaram-se vinte e nove anos de implementação da Lei 8.213 (1991), conhecida popularmente como Lei de Cotas e que visa garantir o acesso desse público às empresas públicas e privadas, mediante a obrigatoriedade de reserva de vagas de acordo com o número de contratados pelas empresas. Apesar da garantia de acesso se constituir em um importante passo para a inserção dessas pessoas, não se faz suficiente se os problemas na formação, levantados pelos autores mencionados e outros relevantes estudos, não forem levados em consideração (PALMA & CARNEIRO, 2018; CAVALCANTI 2007; LEITE & CAMPOS, 2018; TRENTIN & RAITZ, 2018; OLIVEIRA, 2018). O despreparo profissional, a falta de bases teóricas consistentes e as omissões institucionais continuarão sendo barreiras para que pessoas com deficiência intelectual se desenvolvam plenamente e ocupem o papel de trabalhadores reconhecidos por suas potencialidades na sociedade.

Os dados da Relação Anual de Informações Sociais de 2018 (RAIS) corroboram as conclusões dos estudos que compõem esse artigo, quando revelaram que mesmo diante do imperativo da lei, empresas ainda demonstram resistência nas contratações, uma vez que, dos 46,63 milhões postos de trabalho, apenas 486 mil são ocupados por trabalhadores com deficiência e este número se torna ainda menor quando se trata de pessoas com deficiência intelectual. De acordo com a RAIS, pessoas com deficiência física ocupam a maior parte das vagas (47,3%), seguida pela deficiência auditiva (18,1%), visual (15,3%) e por fim, a deficiência intelectual (8,9%), evidenciando os critérios para contratações relacionados ao tipo de deficiência. Segundo os dados, a escolaridade também tem influenciado o momento da contratação, uma vez que 69,5% dos postos foram ocupados por pessoas com ensino médio completo e apenas 0,7% por analfabetos. A recorrente queixa de falta de escolaridade das pessoas com deficiência intelectual pode explicar ainda a consequente estatística de que esses trabalhadores ocupam os cargos considerados mais simples e recebem os salários mais baixos quando comparados a outras deficiências, como evidenciou os dados da RAIS.

A realidade do cenário brasileiro de emprego apresentada pela RAIS vai ao encontro do estudo de Frederico e Laplane (2020) o qual evidenciou por meio de pesquisas realizadas que, embora haja um aumento na participação das pessoas com deficiência intelectual nas etapas e diversas modalidades de ensino e até mesmo nos cursos de profissionalização, ainda há pouca representatividade, ou seja, continuam com menor índice de empregabilidade e com inexistentes ou restritas oportunidades de progressão no trabalho. Quando conseguem uma colocação no mercado de trabalho, comumente ocupam cargos considerados simples e com menores exigências para o trabalhador, consequentemente com baixa remuneração. Os dados levantados pelas autoras suscitam a reflexão de que não basta adentrar os muros das escolas ou empresas, sendo necessária coerência na formação ofertada a esse público.

Diante do exposto sobre o contexto vivenciado desde a fase de escolarização até a inserção profissional, cabe a reflexão sobre como a escola e cursos de profissionalização, em tempos de inclusão, têm se organizado para atender as especificidades das pessoas com deficiência intelectual, considerando as diferenças humanas como ponto de partida para que esses sujeitos alcancem o desenvolvimento de suas potencialidades por meio de uma educação para o trabalho, e de uma maior compreensão sobre a realidade histórica que o envolve. O objetivo nesse artigo foi analisar quais fatores contribuíram para a inserção da pessoa com deficiência intelectual no mercado de trabalho, a partir de sua própria percepção e de sua família.

Método

Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior que objetivou analisar o papel do trabalho no desenvolvimento humano da pessoa com deficiência intelectual. O estudo teve como protagonismo a participação de duas pessoas com deficiência intelectual, no entanto, para este artigo apresentamos a história de uma delas.

Como procedimento metodológico utilizou-se a História de Vida, um método que tem sido cada vez mais adotado e abrangente de diversas áreas de conhecimento. No entanto, ainda há dúvidas em relação às diferentes formas de realizá-lo, o que torna relevante o esclarecimento do modelo adotado neste estudo. Moriña (2017) pontua de forma clara a diferença entre Relato de Vida (*Life Story*) e História de

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

Vida (*Life History*). Segundo essa autora, o primeiro consiste na narrativa biográfica que o participante faz de toda a sua vida ou parte dela, por meio de entrevistas abertas com a intenção de apreender suas percepções, ou seja, a história de uma vida da forma como o participante a conta. No Relato de Vida a única fonte de informações é o discurso do participante, que é publicado sem nenhuma edição, conservando as características linguísticas do narrador da forma como foi transcrita.

A História de Vida (*Life History*) por sua vez é ampla e inclui o relato de vida (*Life Story*) como um dos instrumentos para reconstruir uma história, mas *não* se limita a ele. Moriña (2017) explica que neste modelo a história é reconstruída da forma como ela *é/foi* vivenciada e o relato do participante, embora seja a principal fonte de informações, não será o único, quando o pesquisador pode buscar outros meios que complementem ou contextualizem o discurso apresentado, como documentos, dados históricos, laudo médico, entrevista com outros informantes, fotografias, textos escritos pelo participante, observações, dentre outros, com a intencionalidade de promover o máximo de informações possível, reconstruindo com fidelidade a trajetória pesquisada.

Outra característica que Moriña (2018) destaca para a História de Vida é o número de participantes. No Relato de Vida é comum que sejam vários, o que se justifica por serem entrevistas em um curto período de tempo e sem a profundidade da História de Vida, que por sua vez, pretende reconstituir em riqueza de detalhes a trajetória estudada, o que demanda tempo, proximidade e variedade de instrumentos ou informantes. Dessa forma, a autora recomenda que a História de Vida seja realizada com um único participante ou no máximo três, para que o pesquisador alcance a profundidade almejada.

No caso deste estudo, adotamos o modelo História de Vida, em que dialogamos por meio da entrevista aberta com uma participante com deficiência intelectual, utilizamos uma entrevista semiestruturada com um familiar próximo com a intenção de contextualizar ou complementar as informações para a reconstrução de sua história, também contamos com observações no seu ambiente de trabalho e textos produzidos pela própria participante, como cadernos de estudos e poesias. Todos os envolvidos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como requer o Comitê de ética em Pesquisas com seres humanos, assim como todos os nomes dos personagens foram substituídos garantindo o anonimato.

Os critérios para seleção dos participantes eram que demonstrassem interesse e disponibilidade para participar do estudo, apresentassem laudo médico que comprovasse a deficiência intelectual e estivessem inseridos no mercado formal de trabalho, se constituindo desta forma em uma amostra de conveniência. A escolha do familiar para a entrevista semiestruturada, que acrescentaria informações acerca da trajetória, foi pautada na proximidade com o participante e no conhecimento profundo sobre seu percurso, sendo indicado pela própria participante.

A participante aqui apresentada é ficticiamente chamada de Laura, tem 35 anos, síndrome de Down (com laudo para a deficiência intelectual) e estudou na APAE até os 14 anos. No entanto, insatisfeitos com o desenvolvimento de Laura, os familiares optaram por matriculá-la na rede regular de ensino, onde permaneceu nas salas especiais. Aos 21 anos foi considerada com idade avançada e por destoar da turma foi transferida para a sala comum, em que concluiu sem reprovações o ensino fundamental aos 26 anos. Após, a família decidiu investir em cursos profissionalizantes, como o de massagista, o que possibilitou seu ingresso no mercado de trabalho. Há nove anos trabalha em uma farmácia de medicamentos homeopáticos, e após novos cursos profissionalizantes realiza diversas funções como serviço bancário, massagens, manipulação de florais, entre outros.

As funções realizadas por Laura no ambiente de trabalho envolvem a capacidade de abstração, resolução de problemas, conhecimentos de matemática, leitura, escrita e habilidades sociais, o que desmistifica o estigma de que a essas pessoas só podem ser ofertados serviços considerados simples ou mecânicos e repetitivos.

Instrumentos de Coleta de Dados

As entrevistas abertas aconteceram na residência da participante e tiveram uma duração média de cinquenta minutos. Foram três encontros, sendo o primeiro para apresentar os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas e obter o termo de consentimento. Neste primeiro encontro, a convite da própria participante e com a autorização do empregador que a contratara, a pesquisadora acompanhou um período do dia em seu ambiente de trabalho, observando suas funções sendo realizadas e a interação com colegas de equipe. Ressalta-se que, passar um dia com a participante e beneficiar-se de observações para contextualizar sua história de vida, faz parte dos instrumentos possíveis no método História de Vida em profundidade, como esclarece Moriña (2017; 2018).

O segundo encontro foi para a realização da entrevista. Não foi elaborado um roteiro estruturado, mas uma única frase desencadeadora, como “Gostaria que você falasse sobre a sua vida no trabalho”, em que a participante discorreu sobre assuntos que considerara importantes, como as relações com os colegas, dificuldades, conquistas e planos. Durante o diálogo, o método permite que o pesquisador pergunte sobre pontos que não ficaram claros na fala do participante ou ainda, peça para que fale mais sobre o aspecto por ele levantado.

O terceiro encontro foi com a intencionalidade de abordar mais profundamente os temas levantados por Laura, pedindo para que falasse mais sobre eles. Não houve a necessidade de mais entrevistas, porque nesse momento o diálogo passou a ser repetitivo, indicando que alcançou o momento de saturação. Em um quarto encontro, foi realizada a entrevista semiestruturada com a mãe de Laura, aqui chamada de Aline. A opção pela entrevista semiestruturada com Aline em detrimento da entrevista aberta, se deve ao fato de que não era a protagonista da história, logo a intenção era que acrescentasse informações pontuais acerca da vida escolar ou outras que julgasse importantes para a reconstrução da história.

As transcrições foram realizadas logo após as entrevistas, para que fossem registrados aspectos como silêncio, riso, choro e outros ainda presentes na memória da pesquisadora. Foram transcritas de forma integral e posteriormente realizados alguns ajustes e tratamento nas falas sem comprometer os significados, o que implicou em corrigir apenas erros de português que dificultassem a compreensão do leitor, sendo mantidos aqueles típicos da linguagem oral, que em nada interferissem na compreensão (MORIÑA, 2017).

Os dados foram analisados segundo a Análise Temática, a qual ocorre quando há um profundo envolvimento do pesquisador com o material, ocasionando em uma busca pela compreensão e por novos sentidos, por meio da interpretação do implícito (MORAES, 2003). As transcrições já tratadas se transformaram em textos narrativos que, quando fragmentados e separados de acordo com os temas, deram origem a um novo texto. No entanto, o novo texto então fragmentado perdera seu contexto, o que demandou adequações para que recuperasse o sentido dentro de uma nova forma. Para isto, organizou-se as narrativas de eixos anteriores ou posteriores à nova sequência, tornando-o um texto claro e coerente, ao que Moraes (2003) denominou Metatexto. Dessa forma, cada texto transcrito foi agrupado em eixos

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

temáticos como Escola, Família, Deficiência e Trabalho, o que permitiu um olhar para o todo dos relatos e a sensibilidade diante do novo que estava em construção, além da descoberta de temas outrora ocultos, relacionando-os com o aporte teórico e tecendo interpretações.

Resultados

O primeiro contato ocorreu em seu local de trabalho. Enquanto procurava identificá-la através da parede de vidro que existia entre nós, o proprietário da farmácia, João Paulo, discorria sobre o desempenho de Laura. Trata-se de uma farmácia que trabalha com manipulação de medicamentos homeopáticos e embora não possua o número de funcionários que o obrigue a cumprir a lei de cotas, manifestou o desejo de ter como parte de sua equipe uma pessoa com deficiência. Para além da contratação, João Paulo ministra palestras em que busca despertar o olhar de outros empresários para as possibilidades de pessoas com deficiência, descrevendo as aprendizagens ao ter Laura em sua empresa.

Enquanto conversávamos, observava os funcionários que trabalhavam atrás da barreira de vidro, indiferentes à minha presença no local, todos de jaleco branco, touca, máscara e luvas. Laura estava concentrada em sua atividade até que o empresário a chama e nos apresenta, visto que até o momento, nosso contato ocorrera apenas por telefone. Tenho a oportunidade de acompanhá-la, observando-a em suas tarefas, e as relações de trabalho que a permeiam. Nesse encontro não realizaria ainda a entrevista, mas apenas estabeleceríamos o primeiro vínculo em que eu explicaria os objetivos da pesquisa.

Laura apresenta o laboratório e para isso tenho que me preparar segundo suas orientações de como tirar os sapatos, colocar proteções no rosto, mãos e pés. Acompanhando-a pelas repartições, me apresenta entusiasmada às colegas de trabalho, ao mesmo tempo em que explica detalhadamente as funções que cada uma realiza, além das suas próprias. Nesse dia em específico, montava um conta-gotas e me convidou a ajudá-la. O serviço parecia fácil, no entanto, quando tento realizá-lo percebo que exige habilidades e coordenação. Laura sorri diante de minha pouca habilidade e pacientemente explica-me os passos. Demonstra grande facilidade em montar o conta-gotas preocupando-se com detalhes que julga importantes, como separar e anotar adequadamente em etiquetas a quantidade, tamanhos e características de cada produto. Explica para que tipo de medicamento é utilizado cada modelo e sobre a relevância de detalhar para que outrem não se confunda na hora de selecioná-lo.

Mesmo com a prática e agilidade com que desenvolve a função, deixa claro que não a agrada, preferindo manipular os florais sempre que possível. Laura prefere estar em contato com os medicamentos e perfumaria, aprendendo coisas novas, e em certas ocasiões se opõe a tarefas que considera repetitivas, pedindo que sejam revezadas entre todos. Segundo João Paulo, foi ela quem tomou a iniciativa de ir juntamente com as colegas de equipe à outra cidade realizar o curso de florais, ao qual mediante seu ótimo desempenho, permitiu com que trabalhasse no laboratório.

Após o expediente Laura me conduz à sua casa, onde somos recepcionadas por seus pais, Silas e Aline. Mostra com orgulho os objetos artesanais que costuma fazer nos tempos livres. Conta que toca teclado, faz aula de dança e natação, preocupa-se com a alimentação tendo acompanhamento, entre tantas outras atividades. Aline me conduz ao andar superior para que Laura me faça uma massagem relaxante aprendida em um curso profissionalizante: “*Você poderá contar que foi massageada por um Down*” (ALINE).

No entanto, o que mais prende a atenção são os cadernos de estudos e pesquisas de Laura. Com uma caligrafia perfeita, realiza autonomamente pesquisas sobre assuntos relacionados ao seu trabalho como homeopatia, florais que manipula, sobre suas utilidades e especificidades. Cria ainda suas próprias estratégias de aprendizagem “*Eu aprendo melhor em forma de perguntas e respostas*” (LAURA). Os vários cadernos em que dedica pesquisas acerca do seu trabalho demonstram o quanto parece ser parte de sua identidade. A história de Laura será apresentada em primeira pessoa e sem a voz dos autores, ressaltando seu protagonismo e capacidade de falar por si mesma, formato este, comum quando utilizado o método História de Vida em que é priorizado o ponto de vista do participante (MORIÑA, 2017; 2018). Em alguns momentos aparece também a voz da mãe de Laura, contextualizando e compondo sua história, e identificada por aspas e nome para que o leitor saiba quem está falando. Em seguida, as discussões pelo ponto de vista dos autores e referenciais teóricos.

A HISTÓRIA DE LAURA

Meu nome é Laura e eu gosto muito de respeito, educação, dignidade e muito carinho, fidelidade, é muito importante a felicidade... meu trabalho. O trabalho é a minha felicidade. Como se fosse a minha casa também. Eu lembro que uma parte de mim dizia “eu preciso trabalhar”! Eu tinha esse pensamento na minha cabeça: “eu preciso trabalhar”, vontade de trabalhar. Ah, pra ganhar salário, poder viajar. Eu guardo dinheiro pra poder viajar.

Escola

Na escola... Eu aprendia fácil. Eu terminei o fundamental e eu nunca repeti de ano. Fui pra primeira, depois segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima e oitava. Só isso! Fiquei muito feliz quando terminei o fundamental. E o primeiro colegial eu não quis mais. É difícil entrar no primeiro colegial da escola. História é difícil! O texto era grande, muito grande. Cansa. O texto é sabe aquela folha quilométrica? Ai meu Deus, nada disso (risos). Mas eu tinha ajuda da professora. Sempre ajudaram, em história também, ajudou bastante. Fazia um texto menor para mim. Eu gostava muito de todos os professores! Eu sou boa em matemática, eu falo a verdade. Sou boa em contas, calculadora, até em tabuadas de cabeça também. Eu gostava de artística, dos desenhos, eu gosto de criar desenho, um monte de coisas, gosto de criar.

“Então, metade do dia era pra escola e a outra metade a gente buscava o que precisava para ajudar no desenvolvimento de Laura. Psicologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, esportes, o que o momento pedia. Eu sempre disponibilizei em casa livros, letras grandes, coisas de fácil leitura, sempre lia pra ela e sempre pedi pra ela ler pra mim, e... ter a paciência de ouvir né, porque no começo é gaguejado, no começo não junta a letrinha certo. Então a gente sempre, eu, meu marido, minha irmã, minha mãe, pedia coisas pra ela, que incentive. Outra coisa que eu sempre fiz, coisa doméstica, coisa de mãe, é... tem que ir ao mercado: ‘Laura, vem cá escreve aí’. Então nesse ‘escreve aí’, sempre perguntava: ‘Arroz é com s mãe, ou é com z?’. Lá atrás quando não tinha internet muitas coisas que ela me perguntava eu dizia: ‘Quando a gente não sabe, a gente olha no dicionário’. E ela sempre tinha um dicionário perto dela. Tem que haver o incentivo, sempre!” (ALINE – mãe de Laura).

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

Já fiz curso de massagem, de floral, curso de informática, Excel, Word, tudo isto, tem vários. Eu fazia inglês também. No curso de floral fui junto com minha mãe e com meu pai em Curitiba. Eu queria fazer faculdade de laboratório.

“No curso de massagem relaxante, a terapeuta que atendeu focou mais a parte prática do que aquela apostila imensa da didática. Então ela teve o inverso, normalmente se tem a parte teórica maior e a prática menor. Com ela a moça trabalhou o contrário. Então ela teve muitas horas lá de prática por vários meses e uma apostila menor. Eu conversei, perguntei se podia fazer essa adaptação” (ALINE – mãe de Laura).

Trabalho

Hoje faz nove anos que trabalho na farmácia. No começo fazia massagem nos clientes que esperam atendimento e algumas vezes no banco e quando têm algumas pessoas que querem a massagem, eu faço. Lá na farmácia e na agência, as pessoas ficam sentadas esperando a senha. Pra não ficarem estressadas eu fazia massagem nelas. Eu falava: “Eu estou dando presente da farmácia”. Elas falavam que estava gostoso, estavam relaxadas, se estavam se estressando com alguma coisa...

Eu fazia muita massagem lá e... foi bom. Hoje não dá mais tempo porque faço mais coisas. Eu faço café. Eu faço um monte de coisas. Embalagem floral, o pó do sachê, treinamento pra encapsular, é muito importante. Aí coloco o pó dentro das cápsulas no tabuleiro. Também vou ao banco... em todos! Vou pagar contas da farmácia. Todas as pessoas que gastam, tem que pagar! Tem gente que não paga. A Fábria é funcionária também, mas às vezes esquece! Às vezes a Fábria esquece a conta eletrônica do envelope. Aí ela esqueceu, colocou a quantia errada, faltando dinheiro. Tive que eu refazer com calculadora, caneta, trocar envelope, colocar meu próprio dinheiro para o que estava faltando... é isso. Tem depósito, conta corrente também, poupança também e depósitos diretos.

Lavo tabuleiro, tabuleiros coloridos. Uso a touca e a máscara, uso a proteção para os pés, tudo branquinho. O que mais gosto de fazer é encapsular no tabuleiro. É o mais gostoso. Tem que sentir o pó. Tem que colocar luva. A luva, eu pego o pó na ponta do dedo. O pó é tão fino e tem que perceber. Tem que ter sensibilidade. Não gosto de montar conta-gotas! É difícil ficar montando conta-gotas... e tem duas coisas que eu não gosto né, conta-gotas e lavar a louça do vidro, ficar lavando vidro, pra mim é difícil.

Sou eu e outras pessoas que fazem isso, a Carla que faz homeopatia também, os glóbulos também, agora eu estou aprendendo manipular homeopatia de glóbulos, eu estou aprendendo. Não é farmacêutica, mas é funcionária, ela está ensinando. Ela me ensina como que é homeopatia. Homeopatia é o glóbulo, tem que bater o glóbulo, bate um pouco, pinga as gotas. Cada vidro é separado e pinga dentro do glóbulo naquela vasilha pequena. E aí tem que pingar a quantidade certa. Ela vai ensinando, devagarzinho. Tem que ter um pouco de paciência comigo.

Tenho vontade de fazer as coisas que a farmacêutica faz, xampu, creme, xarope, o mel é xarope para colocar no vidro. Mas essa parte eu não consigo fazer. Às vezes não dá tempo de me ensinarem por correria. Eu queria aprender fazer xarope, shampoo e creme, eu queria fazer, mas... não tem tempo de ensinar. Se tiver tempo delas né, se tiver tempo para ensinar, devagar, bem devagarzinho. Às vezes não dá tempo. É correria, correria, correria.

Então eu acho que valorizam bastante meu trabalho, mas... depende, vai depender porque tem um dia que ensina, e tem dia que não! E as fórmulas são delas, depende que eu falei, porque as fórmulas são da Ellen, da Regina, fórmulas delas e... depende pra mim.

Relações de trabalho

Ai, todas as meninas, todas as funcionárias são animadas, cantam, batem papo, animadas pra ser feliz, estas coisas assim, mas eu tenho dificuldade em querer ficar falando, eu falo muito. Quero conversar bastante, tem que botar tudo pra fora (risos). Com algumas funcionárias tenho dificuldade. Dificuldade que eu tenho é de ser brava! Eu sou brava! Brava é agitada. Às vezes ficam estressando a minha cabeça. A Ellen, a Fábia, a Carla. A Fábia diz: “Vai para o banco, vai para lotérica!”. Então eu falo: “Ai Deus o que eu faço?”, mas tenho que ir (risos). Eu gosto mais da Carla. Eu gosto mais dela porque me deixa sozinha. Eu sempre fui sozinha pra fazer minhas coisas. É importante eu fazer sozinha!

O João (empregador), a gente se dá bem. Bate papo. O João é diferente de mim, bem diferente da minha qualidade. Ele faz do jeito dele. Eu faço do meu jeito. Cada um tem um jeito. De vez em quando, tem que brigar um pouco, sai uma briguinha (risos). Ele não é bravo, ele sempre cuidou de mim. Ele é cuidadoso. Ele é importante pra mim pelo cuidar. Cuidar, energia pura, me ajuda muito também, tem respeito, carinho, cuidadoso... o cuidado, proteção.

Mudanças

Com o meu trabalho na farmácia, meu jeito mudou, o meu jeito pra trabalhar. Faço tudo sozinha. Ninguém dá palpite. Já comprei o tablet, o computador que está do seu lado. É tudo com o meu salário. Eu compro roupas também, calçados, roupas, confortáveis. Tudo com meu dinheiro. E vai me ensinando também. Tempinho pra divertir. Brincadeiras, divertir, pra dar risada, bater papo...

Família

Eu sou uma pessoa independente. Independente. Sozinha. Eu nasci assim, tudo o que eu quero é independência, sem mãe, sem pai também. Ou com a mãe e com o pai, faz parte né? Eu me sinto independente! Junto com a minha mãe e com o meu pai, juntos, sempre juntos. Eles têm que respeitar a minha vontade. A minha vontade é fazer as coisas sozinha. É... minha família sempre me respeitou, sempre respeitou, é cuidadosa, amor, carinho, almoço, janta, banho (risos) são belezas minha família.

Ah, minha mãe é cuidadosa, é carinho, amor, amorosa, sempre tratam comigo assim, mas ensinam, vai ensinando, fala: “calma Laura” ela fala assim pra mim (risos), “calma Laura”. Quando eu era pequenininha, era agitada, nervosa, brava, e ela sempre me ensinando eu “calma”, sempre ensinando eu (lágrimas). Meu pai é um amor. Ai, ai, muito respeito e carinho. Família linda, foram bacanas, cuidaram de mim muito, muito tempo, cuidou, cuidou... me ensinando tudo. Sempre apoiaram meu trabalho. Apoio, carinho. Eles falam pra mim “tem que trabalhar”.

Ser Down é ser feliz e inteligente com carinho. Eu não sou diferente e nem especial. Eu sou humano.

Discussões

A trajetória de Laura foi marcada pelo incessante apoio de sua família, especialmente de Aline, para que alcançasse autonomia em todos os âmbitos de sua vida. O apoio familiar se estende aos demais âmbitos como o da escola e dos cursos de profissionalização, em que mediante parceria, dialogaram sobre a melhor forma de adaptar conteúdos às necessidades e especificidades de Laura e de criar estratégias que possibilitassem a aprendizagem, fator que pode ter contribuído em grande medida à sua inserção no mercado de trabalho.

Adaptar conteúdos para que a pessoa com deficiência intelectual se aproprie do conhecimento superando suas dificuldades, não se trata de empobrecer o currículo deixando-o aquém do objetivo de aprendizagem. Laura relatou que teve dificuldades na disciplina de história: “*História é difícil! O texto é grande, muito grande*”. No entanto, Laura continua “*Fazia um texto menor para mim*”. Transformar o texto extenso em outro objetivo com palavras chave ou auxiliar em uma tarefa com explicações em linguagem clara e exemplificada, de modo que atenda à individualidade da pessoa com deficiência intelectual, foram ações eficazes para que Laura apreendesse o conteúdo curricular, ampliando as suas possibilidades de aprendizagem, uma vez que os cadernos de pesquisas que exibiu em nosso primeiro encontro, em que até mesmo cria estratégias demonstrando conhecimento a respeito de suas particularidades e modo de aprendizagem, são indicadores do quanto se apropriou de conceitos científicos aliando-os a sua prática.

Para Vygotsky (1997), a escola deve considerar a educação não apenas de uma pessoa com deficiência intelectual, mas para além da deficiência, de um sujeito cultural. Desta forma, é necessário que a educação se coloque como capaz de superar a deficiência, já que esta reside no plano da concepção social, ou seja, naquilo que acreditamos ser deficiência. Segundo o pensamento de Vygotsky (1997), depende de os professores tornarem a pessoa com cegueira, surdez, ou deficiência intelectual, em deficientes ou antes, em pessoas que falam, trabalham e estudam em toda a sua plenitude, não experimentando a sua insuficiência.

Laura revelou que realiza pesquisas sobre os florais que manipula e faz anotações de sua busca em forma de perguntas para que responda, estratégia criada para que se desenvolva autonomamente “*eu aprendo melhor em forma de perguntas e respostas*” (LAURA). Os relatos de Laura revelaram por si só, o quanto a escola, mesmo com fragilidades, exerceu um papel importante em seu desenvolvimento, proporcionando a quebra do paradigma de que pessoas com deficiência intelectual não são capazes de desenvolver as funções psíquicas superiores. Cardozo e Raitz (2018) identificaram a educação sistematizada como peça-chave para o desenvolvimento de pessoas com síndrome de Down que foram inseridas no mercado de trabalho, o que por sua vez, garantiu aos participantes do estudo em questão o sentimento de pertencimento e a concretização da inclusão na sociedade.

Assim, as autoras, sob uma perspectiva histórico-cultural, consideraram a deficiência como uma concepção social, que resulta na estigmatização de que essas pessoas são incapazes de se desenvolver. No entanto, os participantes do estudo de Cardozo e Raitz (2018), assim como Laura, corroboraram as considerações de Vygotsky (2000) de que se as pessoas com deficiência intelectual, bem como qualquer pessoa independente de ter ou não uma deficiência, forem estimuladas por meio de um ensino que respeite suas especificidades, formas de aprendizagem e que cumpra o propósito de mediar a construção de conhecimentos científicos, assim como da cultura e história da humanidade, conseqüentemente as formas superiores de comportamento serão desenvolvidas, o que implica em a insuficiência orgânica ser superada pelo aspecto cultural que torna homens em humanos.

Isto significa que se outras pessoas como Laura participarem de um ensino sistemático e comprometido com as suas especificidades em um ambiente como o da escola, possivelmente gostarão de cálculos matemáticos, de leitura e escrita, compreenderão sistema de medidas, ou então realizarão pesquisas elaborando estratégias de aprendizagem, e acima de tudo, serão capazes de operar com signos, entre uma infinidade de outras coisas.

Pode-se exemplificar com a linguagem escrita muito utilizada por Laura quando realizava pesquisas, registrando suas descobertas em formas de perguntas, o que exige alto grau de abstração e a permite elevar o nível de desenvolvimento de sua linguagem. A participante desenvolveu funções elaboradas e superiores, o que possibilitou a apropriação de conceitos científicos como o cálculo e a escrita, como também é capaz de aplicá-los aos conceitos cotidianos da práxis no ambiente de trabalho, solucionando problemas quando emergem. Laura realiza pesquisas, elabora perguntas e respostas usufruindo da leitura e escrita para aprender sobre os florais manipulados na farmácia, ultrapassando o nível empírico, ou seja, aliando teoria à prática, tarefa esta, que pode ser complexa para qualquer pessoa independentemente de sua condição orgânica.

Ressalta-se ainda o papel exercido pela linguagem enquanto signo no desenvolvimento da participante, sendo um aspecto crucial para a formação de conceitos, para o processo de significação e até mesmo no desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Vygotsky (2009) concluiu que a linguagem possibilita que o homem atribua sentido aos eventos da humanidade, sejam esses de qualquer natureza, como social, físico ou psíquico, permitindo ainda o desenvolvimento das formas complexas de comunicação e as formas superiores de pensamento.

As falas de Laura contêm todos os elementos de uma linguagem clara e coerente quando capaz de formular conceitos, expressar ideias colocando à disposição de sua real função, comunicar algo ao outro e, além, se autorregular orientando seu próprio comportamento. Vygotsky ressaltou por meio de seus estudos que o uso funcional da palavra se constitui em um meio de orientação ativa para a compreensão e se torna em parte essencial e indispensável para o processo de formação de conceitos, o que demanda uma atividade de alta complexidade e intensidade em que todas as funções intelectuais básicas têm participação (2009). Dessa forma, a palavra e o signo são meios utilizados por Laura para que domine os próprios processos psicológicos, orientando a atividade na perspectiva de solucionar os problemas que emergem no cotidiano (VYGOTSKY, 2009).

No que tange a formação para o trabalho, Laura demonstra ter recebido uma formação integral por meio dos cursos que realizou. Uma formação para o trabalho, segundo o aporte histórico-cultural, implica em conhecer os processos históricos pelos quais passou o trabalho em seu desenvolvimento, sua relevância para a humanização do homem, bem como compreender quem é este homem que se desenvolve no e pelo trabalho, que transformações sofreu por meio do trabalho, em que contexto vive, tendo consigo claros os objetivos de ensino. Vygotsky (2010), enfatiza a importância do trabalho para a vida do homem e descreve como poderia ser o ensino pelo trabalho e sua consequência na vida do trabalhador.

Durante um curso de massagem, Aline, mãe de Laura, conversou com os profissionais do curso sobre como poderiam adaptá-lo às necessidades de aprendizagem da filha: “*Então ela teve muitas horas lá de prática por vários meses e uma apostila menor*” (ALINE). Enquanto os outros alunos tiveram mais horas de teoria com uma apostila densa, Laura dedicou-se mais à prática compreendendo o processo de massagem, sem, contudo, desconsiderar o aspecto teórico por meio de uma apostila objetiva. Dessa

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

forma, não eliminaram os conceitos teóricos reduzindo-os apenas ao concreto, antes, construíram um novo formato que respeitasse as particularidades de Laura.

Quando atendidas suas necessidades e forma de aprendizagem foi capaz de conhecer o todo no processo de massagem, complementando o ensino com pesquisas e ingressando no mercado de trabalho como massagista qualificada. Já contratada, continuou almejando crescimento e pediu para participar do curso de florais, juntamente com a equipe de trabalho. A iniciativa de Laura permitiu que se apropriasse do processo homeopático e progredisse no emprego conquistado, auxiliando também no laboratório. O progresso de Laura não ocorreu apenas no campo físico quando passou a desempenhar um papel pouco presenciado na sociedade, mas para além, no plano cognitivo, quando desenvolve constantemente funções psíquicas superiores, modificando sua atividade e modificando a si própria.

A forma como o curso de massagem e outros mencionados durante as entrevistas foram adaptados às suas necessidades sem empobrecer ou modificar o conteúdo e sem distanciar-se das exigências do mercado de trabalho, antes, ensinando o mesmo conteúdo de uma forma diferenciada, permitiu que encontrasse sentido naquilo que aprendeu. Vygotsky (2010) insistiu na questão do sentido dado ou descoberto pelo aluno, diferenciando-se de uma educação sem significado ou compreendido apenas pelo professor. Para que se desenvolva um processo de criação e reflexão é preciso um “porquê” e “para quê”, estar consciente da trajetória percorrida, e da necessidade de percorrê-la e de sua importância e finalidade para algo ou alguém. Neste formato de educação para o trabalho não cabem as velhas metodologias até então praticadas.

Vygotsky (2010) defendeu uma formação em que se priorizasse a aprendizagem de todo o percurso percorrido pela matéria-prima, desde o início quando entra na fábrica, até àquele já como produto pronto e acabado. Dessa forma, é possível que o sujeito descubra todas as propriedades do material e presencie de forma prática como é subordinado às leis da física e química. O autor prosseguiu em seus apontamentos sobre a pedagogia que, ao desarticular o conhecimento teórico da prática, conseqüentemente impossibilita a compreensão do porquê e para quê, se estuda este ou aquele objeto. Neste formato de ensino, o aluno não consegue vislumbrar a verdadeira finalidade e necessidade daquilo que está realizando de forma mecânica e sem reflexão. Desse modo, torna-se injustificável empregar esforços físicos e intelectuais em uma atividade que desconhece o sentido. Os exercícios propostos nestas escolas e cursos impõem ao aluno o trabalho, a execução, escuta e apreensão, sem comunicá-los de antemão seu real propósito.

Por isso torna-se imprescindível que a escola e os cursos que profissionalizam reflitam sobre os conhecimentos construídos e priorizados, de modo que, de fato, desenvolvam as funções psíquicas superiores, dentro de um propósito transformador da sociedade e do próprio sujeito envolvido. “Assim, a escola, maior dispositivo para o estabelecimento de novos vínculos, deve estar toda voltada para a vida, porque só com semelhante aspiração os procedimentos escolares podem ter justificativas e sentido” (VYGOTSKY, 2010, p. 270).

Vygotsky (2010) ressaltou a relevância de um ensino provido de sentido para o pleno desenvolvimento de qualquer pessoa humana. Para o autor, só haverá sentido quando houver uma necessidade real, quando a pessoa, seja ela com deficiência intelectual ou não, compreender a finalidade do que está aprendendo, então passará a significar e a atribuir sentido a sua atividade. Apenas dessa maneira empregará todo esforço necessário, seja físico, intelectual ou psicológico, para transformar seu objeto, e conseqüentemente a si mesmo, adquirindo autodomínio por meio dos signos.

Pode-se constatar por meio dos relatos de Laura e das contextualizações de Aline, que se constituiu em alguém com capacidade de criar, solucionar, questionar e a modificar padrões quando protagoniza um papel inesperado pela sociedade, assim como modificar-se a si mesma pelo trabalho. Laura construiu conhecimentos sólidos acerca da teoria e prática e tornou-se protagonista e conhecedora de sua própria trajetória na busca por conhecimentos. As funções psíquicas superiores que culturalmente desenvolveu contrariando os paradigmas acerca da incapacidade de uma pessoa com síndrome de Down, e que permanecem em constante evolução por meio do trabalho que realiza, não a permite sujeitar-se à alienação e à despersonalização da atividade que realiza de forma consciente.

Considerações finais

A história apresentada demonstrou o quanto a escola foi importante, mesmo que com fragilidades, para a inserção laboral de Laura, uma vez que seria inviável o ingresso, permanência e progressão no trabalho se seus conhecimentos se limitassem a tarefas que não correspondessem às reais necessidades de um mercado altamente competitivo, como aquelas exclusivamente manuais ou de autocuidados. A apropriação de conhecimentos científicos de escrita, leitura e cálculos, proporcionou as condições para que fosse contratada pela empresa, evidenciando o quanto a escola contribuiu para a diferente trajetória que trilhou quando comparada ao que comumente se observa de outras pessoas com deficiência intelectual.

A alternativa que jovens com deficiência, como também aqueles sem deficiência encontram para a inserção laboral no mercado formal de trabalho é a procura por cursos de profissionalização, que segundo os estudos mencionados no início deste artigo, têm se mostrado ineficazes em relação à qualificação das pessoas com deficiência. No entanto, o caso de Laura demonstrou que, quando a formação nesses cursos considera o aluno como um sujeito com características próprias, com aprendizagem singular, com projetos e necessidades únicas, pode transpor os muros da homogeneização e alienação, expandindo-se para a formação de uma pessoa que compreenda todo o processo e finalidade de seu trabalho. Um ensino que considere os interesses daquele que aprende e que compreenda que a realização profissional faz parte das perspectivas de jovens, sejam eles com deficiência ou não, torna-se dotado de sentido e conduz a uma maior compreensão e desenvolvimento humano beneficiando a todos em uma sociedade.

A família se mostrou como elemento fundamental para o sucesso de Laura quando estabeleceu parcerias com a escola, cursos de profissionalização e posteriormente intervindo até mesmo no trabalho, no que tange às possibilidades e dificuldades de Laura. A autonomia concedida contribuiu para que a participante se tornasse segura de suas capacidades e crítica o bastante para valorizar as diferenças de cada indivíduo, inclusive as suas próprias, questionando sempre que não se sentiu plenamente valorizada.

Desta forma, constatamos que os principais fatores que contribuíram para a inserção profissional da participante em questão foram um ensino sistemático no ambiente escolar, capaz de alcançar o objetivo de ensinar conceitos científicos permitindo à Laura o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores, assim como, cursos de profissionalização que atenderam suas necessidades individuais, promovendo o conhecimento de todo o processo e sentido do seu trabalho, o que conseqüentemente atendeu a necessidade do mercado de trabalho que busca pessoas qualificadas. Destaca-se ainda a postura de um empresário que, mesmo não tendo a obrigatoriedade da lei, não apenas contratou, mas valorizou o crescimento de Laura na empresa por meio de apoio, respeito e oportunidades de capacitação, além das relações positivas

O que contribuiu para o meu ingresso no mercado de trabalho? Relatos de uma pessoa com deficiência intelectual e de sua família.

com os colegas de trabalho que a ensinaram de forma respeitosa muitas de suas funções, demonstrando a valorização das diferenças humanas. Por fim, o apoio da família em todas as fases e instâncias desta trajetória, trabalhando em conjunto com as instituições e profissionais, o que facilitou o desenvolvimento pleno de Laura, consolidando sua inserção profissional.

Se faz necessário destacar que a história de Laura não contou com um único fator isolado para que a tornasse uma pessoa que constantemente se modifica no e pelo trabalho, assim como o contexto à sua volta, antes foi resultante de um conjunto de ações de diversos âmbitos como escola, cursos, leis, empresas, profissionais da saúde e família. Se todas as instâncias e sociedade trabalhassem em conjunto, a inserção profissional de pessoas com deficiência intelectual ultrapassaria a obrigatoriedade de sua entrada por meio do imperativo da Lei, como é a realidade de muitas pessoas com deficiência, e se tornaria histórias de crescimento e realização pessoal, profissional e humana. A história de Laura não seria uma exceção.

Referências

AOKI, M.; SILVA, R. M.; SOUTO, A. C. F.; OLIVER, F. C. Pessoas com deficiência e a construção de estratégias comunitárias para promover a participação no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 24, n. 4, p. 517-534, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382018000400517&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8213cons.html>. Acesso em: 01 fev. 2016.

CARDOZO, J. P.; RAITZ, T. R. Os sentidos da educação e inserção profissional para jovens e adultos com síndrome de down: desafios e expectativas. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 23, n. 1, p. 215-229, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>>. Acesso em: 10 set. 2020.

CAVALCANTI, A. M. L. **A inclusão do aluno com deficiência mental no ensino médio: um estudo de caso**. 160f. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2007.

FREDERICO, J.C.C.; LAPLANE, A.L.F. Sobre a participação social da pessoa com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 3, p. 465-480, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbee/v26n3/1413-6538-rbee-26-03-0465.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2020.

LEITE, G. G.; CAMPOS, J. A. P. P. Percurso escolar de estudantes com deficiência na educação de jovens e adultos, nível ensino médio. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 24, n. 1, p. 17-32, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodo cuidado.org/handle/handle/2125>>. Acesso em: 17ago.2020.

MORAES, R. Uma Tempestade de Luz: A compreensão possibilitada pela análise social discursiva. **Ciência e Educação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

MORIÑA, A. **Investigar com histórias de vida: metodologia biográfico-narrativa**. NARCEA, S. A. DE Ediciones, Madrid, 2017.

MORIÑA, A. Using life history with students with disabilities: researching with, rather than researching on. **Educational Review**, 2018. DOI: <10.1080/0013 1911>.

OLIVEIRA, J. A. M. Formação profissional da pessoa com deficiência: uma experiência da Escola **Técnica Federal Sergipe/Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe (2001-2007) Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, 2018.

PALMA, D. T.; Carneiro, R. U. C. O olhar social da deficiência intelectual em escolas do campo a partir dos conceitos de identidade e de diferença. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 24, n. 2, p. 161-172, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000200161>. Acesso em: 18ago.2020.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. **Características do emprego formal: RAIS 2018: análise dos principais resultados**. 2019. Disponível em: <<pdet.mte.gov.br/imagens/rais2018/nacionais/3-sumario.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2020.

TRENTIN, V. B.; RAITZ, T. R. Educação e trabalho: formação profissional para jovens com deficiência intelectual na escola especial. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62, p. 713-725, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28660/pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Enfoque psicológico da educação pelo trabalho**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas. V- Fundamentos de defctologia**. Madrid: Visor,1997.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas. III- Incluye problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor, 2000.

Submetido em: 01.10.2020

Aceito em: 16.04.2021